



Luz Vertical

Alexandra
Malheiro



Vertigem

Fogo posto

Às vezes ardem-me os poemas
nas pontas dos dedos,
como um incêndio.

Incendiário

A incólume presença da noite,
habituada aos teus dedos
de chamas,
pausou-se em silêncio
esperando que o meu corpo
te cobrisse as chagas
e fosse então beijar-te as mãos,
dedo a dedo,
até me arderem os lábios
no estrepitoso incêndio que
sempre acontece em mim
quando breve vens lambe-me a pele.

As primeiras folhas

Do teu corpo quero apenas
as primeiras folhas,
como as primitivas horas
das manhãs de Outono.

Da tua pele apenas
as primeiras folhas,
como do suor as primitivas gotas
do orvalhar dos dias.

Do teu tempo apenas
as primeiras horas,
como as folhas únicas
onde deixo por escrever
todas as palavras.



Antes e depois

Antes, fora o desejo
e os seus cabelos hirtos
aspergidos pela flácida
limpidez das manhãs.

Depois, fora o tempo
túrgido, correndo certo
entre roseirais e bétulas,
sangrando a pele nos espinhos.

Agora, há um espaço onde
o silêncio cresce do chão
estendendo-se ao branco
cerimonioso das paredes.

Agora, cerro os dentes
para aguentar a dor
que excrucia o peito.

Nós de tempo

Fica comigo mais um pouco,
não partas já, como costumás,
nesse teu desajeitado jeito de
fugir sorrindo
como quem antecipa a aurora
antes da madrugada.

Ficaremos os dois a inventar
poemas nos ecos da neblina,
ficaremos os dois a trocar olhares,
a procurar um dentro do outro
o fundamento do mundo no espanto da cidade.

Fica mais uns instantes,
vamos enganar o tempo
preso nos relógios,
inventar segundos
com as pontas dos dedos,
inventar assuntos, esmagar os medos.

A nudez completa

No cimo da manhã,
a derrocada,
o alvoroço de espuma
dos teus lábios.

No cimo da manhã,
margaridas ou rosas,
uma jarra de champanhe
no sereno vagar
dos teus olhos.

No cimo da manhã,
adormecer de ti,
no sopro demorado,
do frescor da hortelã.

Aproximação

Chega-te aqui,
quero sentir a tua voz
no meu ouvido, uma e
outra e
outra vez.

Chega-te a mim,
quero sentir o sopro
do teu hálito, o calor
dos teus lábios perto demais
a incendiar-me a pele,
a afastar-me os cabelos.

Chega-te a mim,
quero beijar-te os olhos
nos meus olhos
transparentes,
deliciar os dedos
nos teus dedos
impotentes
face ao súbito intumescer
do desejo.

Chega-te aqui,
vamos os dois fazer de conta
que não aconteceu nada,
o mundo não tem de saber
sobre o sabor da chuva de Novembro
ou sobre a pálida incerteza da neblina matinal,
não tem de saber a cor do céu,
se deserto as gaivotas o rasgam esbracejantes,
o mundo não tem de provar o gosto
de uva madura na tua boca de sal
nem tem de beber o mosto
nos meus lábios que mordeste timidamente
como quem anuncia a manhã
nos derradeiros estertores da madrugada.

Esperando-te

Esperando-te
como quem espera de ti
a liberdade
ou a conquista
de um rasgo de céu
ou de uma aresta
do mundo
ainda por limar.

Um barco

Há um barco que parte para lado algum,
o naufrágio perfeito dentro dos teus olhos
ou a incerteza, para sempre,
dos teus braços buscando-me
em qualquer lugar onde não estou.



“Unforgettable”

Percebi, amando-te, que nenhuma outra coisa
seria igual a ti
enquanto confundia as minhas mãos
entre outras mãos procurando-te
onde sabia que não estavas.

Morre-se de noite enquanto os dias
se embriagam de flores azuis.

Lá fora o mar estremece de espuma e cio
sobre as rochas
Se eu abrisse a portada talvez alguém mastigasse
o sofrimento com dentes de fogo
e eu amachucasse, no interior das minhas mãos,
o terrível som do silêncio.

“

Alexandra Malheiro, Poeta inteira, ela própria vertical, infinita e remanescente, mostra-se finalmente como uma das mais surpreendentes novas vozes que se impõem no panorama da literatura nacional. Nada nela é concessão, arremesso ou veleidade. Muito próxima da condição de música, a sua escrita também nunca toca o chão. É volátil e latente, dissonante e convergente, sensual e etérea. A justapor aos substantivos, tudo na sua escrita é som, melopeia e resolução.

”

do prefácio de Pedro Abrunhosa